







## AS NOSSAS GRAVURAS

S. M. O IMPERADOR GUILHERME II

Inauguração do retrato no quartel do regimento de cavallaria 4.

Significativa, em extremo é, para o regimento de cavallaria 4, mas ainda mais para a nação portugueza, a gentilissima offerta do retrato de S. M. imperial, pois representa, não só a sympathia individual de Guilherme II, como tambem a de todo o povo allemão representado no seu soberano.

Solemnizando este facto importante publicamos o retrato de S. M. Guilherme II.

Foi no dia 28 de fevereiro ultimo que tiveram lugar as festas annunciadas para 27 de janeiro e que foram aduadas por motivo do fallecimento da rainha Victoria.

Com a comparencia de S. M. el rei D. Carlos e mais elementos officiaes, entre elles o illustre conde de Tattenbach addido militar e naval e secretario da legação allemã em Lisboa, tiveram começo ás duas horas da tarde as manifestações de regosijo que o digno coronel de cavallaria 4 e officialidade do mesmo regimento com a maior solicitude e brilhantismo haviam preparado sendo unanime a opinião de que nunca se havia assistido a uma festa militar mais imponente e por todas as formas digna d'admiração.

Cumpriram-se á risca todos os numeros do festivo programma entre os quaes mencionaremos a descerração do retrato por S. M. El-rei D. Carlos, a apresentação do soldado, desde recruta, ideia verdadeiramente original e que demonstrou a todos os assistentes as diferentes phases porque o soldado passa até ser dado por prompto e apto para o serviço, os exercicios gymnasticos por um cento de recrutas, e os seis cavallos apresentados em alta escola número que mereceu os mais rasgados elogios de todos os assistentes especializando o magnifico trabalho do alferes sr. Caeiro.

Depois da visita feita ás dependencias do quartel passaram todos os convidados á magnifica sala d'armas profusamente ornamentada, onde foi servido um lauto lunch, levantando-se varios brindes correspondidos affectuosamente.

## O VISCONDE DE MONSERRATE

Recebeu-se ultimamente em Lisboa a infausta noticia do fallecimento em Londres, no dia 17 de fevereiro ultimo, de *sir Francis Cook*, visconde de Monserrate.

Demasiado são conhecidos, os dotes philanthropicos do illustre extinto para aqui nos occuparmos em os descrever indicando no entanto o numero 734 do OCCIDENTE em que o sr. dr. Alberto Telles desenvoldidamente trata d'esse assumpto.

Na idade de 84 annos finou-se um dos mais devotados amigos do nosso Portugal. Inglez pelo sangue e origem, adorava como patria adoptiva, a nossa, tendo mandado construir na pittoresca Cintra — em Monserrate — um sumptuoso palacio em estylo arabe, a mais preciosa edificação que em 30 kilometros de circunferencia existe nos arredores de Lisboa.

E' esse paraíso ornado de ricas tapeçarias, estatuaría modelo, possuindo uma das mais bellas galerias de quadros que existem no paiz, mansão de fadas, deante da qual o mais rude espirito se sente sensibilizado, n'um ponto opulento em côres na variedade de vegetação, verdadeiramente pinturesco que o visconde de Monserrate vinha repousar e readquirir forças para proseguir na administração e gerencia da sua casa de Londres Cook & Son's.

Tendo casado em 1841 em Lisboa com uma senhora portugueza D. Emilia Lucas, enviuvou em 1844, contrahindo segundas nupcias um anno depois em New-York com *lady Cook*, actual viscondessa de Monserrate, senhora dotada de extraordinaria intelligencia e illustração e a maior propagandista e iniciadora do movimento reivindicador dos direitos e emancipação da mulher.

Existem nos arredores de Cintra oito escolas d'ensino primario custeadas pelos Viscondes de Monserrate que por si só, bem manifestam o entranhado affecto que elle dispensava á nossa patria.

O nome de *sir Francis Cook* Visconde de Monserrate fica ligado a innumerables actos de caridade e philanthropia, e jámais poderá ser esquecido, emquanto na serra de Cintra se levantar o sumptuoso palacio monumento perduravel da sua memoria por elle proprio erigido.

## CARLOS POSSER

Curioso, este senhor Posser, a que o OCCIDENTE, na linda missão de aureolar os que se distinguem, dá hoje um lugar d'honra em suas paginas!

Ora... são oito as bemaventuranças. Podiam ser mais, que a bondade de Deus é infinita. Mas são apenas oito. E bastam. Merecel-as, segundo rezam os canones, é cair na graça do mesmo Senhor.

Todavia, o barro humano é fraco, as cousas são como são e não como deviam ser, e por isso — que nos perdõe o evangelho — estamos em dizer: malaventurados os que as merecem.

Com effeito, dada a maldade dos homens, ser pobre de espirito para obter o reino dos ceos, manso para haver a terra, misericordioso para alcançar misericordia (sem allusões ao pio estabelecimento de que o referido senhor Posser é empregado e que já alcançou sem ter essa virtude); limpo de coração para ver a Deus, chorar para ser consolado, ser pacifico para ter paes incognitos, etc., etc.; ser tudo isto, enfim, com franqueza, é ser tolo.

E tolos ha muitos! A sua existencia, lá o diz Ibsen e nós, que não somos Ibsen, o dizemos tambem, é uma verdade incontestavel; mas, com os demonios, isso não é razão para que nós os louvemos nem nos deixemos governar por elles.

Comtudo, são esses, afinal, bemaventurados, conforme a santa doutrina — os bemquistos do mundo, cujos actos se não discutem, de quem se não diz mal.

Ora o tal senhor Posser, felizmente para elle, pertence ao numero dos outros. Não cabe na esphera das bemaventuranças, por que não é *boa pessoa*; está longe da esphera dos tolos, porque há muito quem o discuta, porque todos o aboanham. — Curioso este senhor Posser que, principalmente nos ultimos tempos, é o assumpto obrigado da biabilhote, em todos os meios onde se espevitam cousas d'arte: cafes, camarins, *foyers*; o thema fatal de artigos, mais ou menos dynamitizados, nas secções theatraes do jornalismo; alvo inabalavel de chalaças, sempre caricaturado, e até mesmo degolado, nas condemnações facetas dos periodicos humoristas; arrastado aos tribunales como reo de crimes nefandos; enfim, um homem terrivel, um homem detestavel e que, se houvesse justiça e amor d'arte n'este desgraçado paiz, já devia estar na Penitenciaria, na Costa d'Africa, no inferno, fosse onde fosse, menos no theatro de D. Maria e muito menos, ainda, na Misericordia mansão piedosa onde só deviam entrar os que tem jus á graça e á clemencia do Senhor.

Todavia, diz-se tanto mal do senhor Posser, accusam-n'o de tantos delictos, que seria quasi um prazer, uma honra, meio snobista, meio impertinente, defendê-lo, dizer bem d'elle. Mas quem se atreve a fazê-lo? Nanja o auctor d'estas linhas. Porque, a verdade é esta, o que se diz, diz-se com razão: Posser tem sido o flagello da arte nacional!

E' triste para nós que acceitámos o espinhoso encargo de emoldurar o seu retrato na *baguette* do panigyrico, é triste, repetimos, ter de fugir aos moldes de *cliché*, fintaes n'esta especie de homengens, para obedecermos unicamente aos rebates da nossa consciencia. Mas acima de tudo estão os sagrados deveres da critica e da imprensa para com o publico: esclarecê-lo e nortear-o com justiça e com verdade. De resto, no jornalismo, em toda a parte e entre nós, por exemplo, no *Seculo*, são triviaes estes contrastes desoladores: o retrato d'um benemerito a par da *effigie* torpe d'um bandido. O bandido, no nosso caso, é o senhor Posser, está claro.

E, posto isto, exaremos sem commentarios a folha corrida do homem. Por ella, melhor do que atravez o nosso criterio pessoal, não de julgar as pessoas que nos lerem, numerosas, temos essa esperanza, visto que se trata de dizer mal.

Nasceu Carlos Posser precisamente no Dia em que veio ao mundo. Era então, como todas as creanças, uma interessantissima creança loura. Cresceu e medrou, como a laranjeira, á carinhosa luz d'este lindo sol de Portugal. Té que, adolescente já, entrou de apaixonar-se pela arte, a que n'esses tempos se chamava a formosa arte do venerando Talma. E tão louca paixão, foi o seu primeiro crime. Conseguiu subtrahir-se aos olhos da poli-

dores se juntavam, e a rir-se, a espanejar-se sobre a toalha branca, a riscar com um traço de fogo o copo erguido n'um brinde, que todos os corações applaudiam. Era com o sol o calor nas almas, todas movidas por um mesmo impulso de amor, de respeito e de entusiasmo, conchegando a velhice d'aquelle homem, que toda a vida foi bom, que os longos annos levou cantando o que é santo e bello.

Bulhão Pato, que conserva na alma sincera todo o enthusiasmo da sua lyrica mocidade, entrou na velhice, respeitado por todos, amado por quantos o conhecem. Longa velhice ha de ter, muito longa e muito feliz, que para o conchego do ninho modesto em que vive e se contenta, nada lhe falta; nem uma caricia de entes queridos nos longos cabellos brancos, nem a voz amiga que todas as manhãs o desperta, nem uma lagrima diamantina em olhos queridos que o vejam triste, nem um sorriso que lhe dê luz aos devaneios de poeta.

Breve veremos uma nova obra satyrica do grande artista, e logo a seguir um volume dos seus ultimos versos.

O campo ainda o inspira e bem lhe paga assim o amor, que o poeta lhe consagra, tão sentidamente descripto no delicioso prologo do *Livro do Monte*.

A formosa cabeça de Bulhão Pato, nimbada de fios de prata, que tanto contrastam com a mocidade do seu olhar, ainda sonha bellas visões, n'essa ridente paizagem, seus encantos, que elle tão maravilhosamente nos descreve, príncipe dos didacticos portuguezes.

O tempo vai lindo. Uma ou outra careta ja se não conta. O inverno acabou. Os poetas velhos, contentes com o raio do sol amigo, cantam saudades ouvindo os pintasilgos cantar amor. Não tarda o rouxinol nos ulmeiros de Caparica. Teremos cantigas ao desafio.

Acabou o inverno. Já nos theatros se vão arranjando as malas para as viagens até á provincia, ás ilhas, ao Brazil. No theatro de S. Carlos preparam-se á pressa as ultimas recitas, com Bellincioni na ponta, como dizem os brasileiros.

No theatro D. Amelia, que este anno teve excellente maré, a primeira do *Petronio* alcançou um exito extraordinario. E' que o romance *Quo vadis* foi excepcional e assombrosamente applaudido e Marcellino de Mesquita empregou na extracção da tragedia todo o seu indiscutivel talento de auctor dramatico, quer na escolha das scenas a aproveitar, quer na maneira porque soube, na parte da acção que não podia ver-se, fazê-lo contar pelos personagens.

O scenario e a encenação são riquissimos e de bom gosto.

Nos outros theatros não tem havido novidades de maior, cada qual deixando com razão envelhecer a prata de casa, com o que nenhum se tem dado mal.

Annuncia-se para o proximo mez de abril a primeira recita do *Tiçõ Negro*, com musica de Augusto Machado. A peça é inspirada nas melhores scenas de farças e comedias de Gil Vicente, que ainda hão de inspirar muitos outros auctores dramaticos portuguezes, se o bom gosto não lór cousa que de todo se venha a perder. Bem andou Lopes de Mendonça tentando esse genero theatral e digno de applauso é Sousa Bastos, empezario do theatro da Avenida encarregando-se de lhe dar vida, que longa será em vista dos recursos da excellente companhia de que o theatro dispõe.

Não se fala por enquanto das companhias que durante o verão ficarão funcionando em Lisboa, nem das que nos virão do estrangeiro. E' certo que teremos novamente opera barata no Colyseu dos Recreios. Se a companhia for igual á do anno passado, é caso para se lhe prophetisar, sem medo d'erro, um exito ainda superior, visto ir felizmente augmentando o gosto pela musica.

Ainda que a exhibição d'operas não seja o melhor meio educador, do menos ir-se-ha pouco a pouco até ao mais, e muitos esforços ultimamente se tem feito para nos facilitar a audição das grandes obras dos melhores mestres, em concertos de programmas artisticamente organizados.

A menina do *pot-pourri* vai sendo felizmente exemplar cada vez mais raro, para socego dos nossos ouvidos.

Lembra a muita vez contada historia do homem que estando para casar se queixava:

—A minha noiva tem um defeito muito grande: infelizmente não sabe tocar piano.

—Homem!... E acha isso um defeito!

—E' que não sabe, mas toca.

João da Camara.



cia, fez o curso do Conservatorio e, dentro em pouco, o nosso amigo Posser, instigado pelo exito da primeira audacia, pisava impunemente o palco do Taborda, antro que foi berço d'outros criminosos não menos celebres — alguns inda maiores — a quem mais tarde se deveu o melhor da nossa gloria theatral. Posser representou com successo o *Luiz Fernandes da Morgadinha*, a melhor peça de então. Tal preferencia e o triumpho alcançado, foram, talvez, o seu segundo crime. E a policia, é claro, sempre d'olhos fechados.

Mais tarde, na Rua dos Condes — o velho barracão — ao lado de Santos Pitorra, esse outro grande e glorioso facinora, creava com applauso unanime o *Conpeau de L'Assomoir*. Era demais! Entretanto, iam-se-lhe desenvolvendo extraordinarias tendencias para ensaiador e director de scena, como se não bastassem os repugnantes vícios de que já estava possuido. Foi por esses tempos que accitou a direcção technica dos *Recreios*, montando com desusado brilho e propriedade scenica, numerosas peças de grande espectáculo que fizeram epoca no demolido theatro. D'ahi, foi chamado pela empresa Rosas & Brazão a exercer igual cargo na primeira scena portugueza. Sabiu, passadas algumas épocas, para nos reaparecer, tambem como admistrador, o incorrigivel, no theatro do Principe Real que, abandonado pelos seus melhores elementos, chegara á ultima degradação artistica. Posser, sempre com o mesmo devotado e criminoso amor pela sua arte, reabre o theatro, pondo em scena a *Tosca*. Era um arrojo inaudito! E já o assobio da galhofa e o tácio da verrina se lambiam de regosijo, quando, com grande espanto dos malevolos, o fiasco degenerou em successo, mas em successo dos mais legitimos. É que o mariola tivera o mau gosto de montar a peça com o maior luxo e rigor de scenario e guarda roupa; uma *mise-en-scène* aprimorada, e mais: conseguira que os artistas, na maioria detestaveis, a representassem correctamente, quasi distinctamente. Era imperdoavel!

Volvidas duas temporadas, eil-o de novo na Rua dos Condes — edificio novo — primeiro como director d'um grupo de bellos artistas desertores de varios theatros e depois ao lado da grande Lucinda, como primeira figura da sua companhia. Representa-se a *Sans Gêne* e Posser distingue-se pela famosa exteriorisação do *Bonaparte* na chocarreira satyra do velho *Sardou*.

Entretanto, dá-se a pavorosa no Normal e os dissidentes, Virginia, Mello e Ferreira, escolhem o para gerir a sociedade artistica que, de parceria com Sousa Bastos e Palmyra, nos deu, á custa dos maiores sacrificios, escassamente compensados pelo exito d'um melo-drama, uma epoca de arte, de verdadeira arte, a competir com o melhor que até ahí nos tinham dado os nossos primeiros theatros. Mas o *grande e horrivel crime* ainda estava por gerar no cerebro do famigerado Posser.

Depois de Garrett e dos que trabalharam á sombra e no enalço do grande reitorador, ninguém mais pensara: nem governo, nem artistas, nem dramaturgos, movidos, fosse por que interesse fosse, em trabalhar para a reorganisação do theatro portuguez, em reclamar uma lei que estabelecesse direitos, que obrigasse a deveres, que respeitasse a arte e a litteratura, que puzesse auctores e actores ao abrigo das imposições, nem sempre bem orientadas, de empresas particulares, que determinasse um futuro, uma reforma aos artistas nacionaes, poupando-os a um fim miseravel e suajeito ás contingencias da esmola e do beneficio.

Pois foi ainda esse curioso Posser que, mercê da sua poderosa energia e da influencia grangeada á custa d'uma vida proba e sem mancha — por que o maroto, para cumulo de imperfeições, até se permite o luxo de ser um homem de bem, se permite que em tempos modernos é como bordar a missanga — foi elle, enfim, que moveu os poderes publicos a descerecer das altas preocupações electoraes até as futilidades da arte; que conseguiu a actual organisação de D. Maria, elle só, porque, sem a sua grande coragem de luctador, de nada valeriam os esforços, aliaz indispensaveis, de toda a brilhante comparsaria que o secundou no *ensemble* d'essa famosa magica, bem mais difficil de montar... do que a *Pêra de Satanaz*.

E, se é certo que a reforma do nosso primeiro theatro contem disposições manifestamente facciosas e que tiveram a nefasta consequencia de, por interesses d'ordens diversos e chicanas de bastidores, affastar d'aquelle tablado alguns dos nossos mais queridos e brilhantes artistas; se é verdade que o decreto, em certos pontos, é deficiente, imperfeito e até mesmo prejudicial; o que é innegavel, tambem, é que, mesmo defeituoso, é innegavel, tambem, é que, mesmo defeituoso, elle era indispensavel e é em todo o caso uma base para futuros aperfeçoamentos e correcções,

uma excellente garantia para todos os que vivem ou se interessam pelo theatro. E tudo isto se deve ao Posser! Decididamente regressámos á edade da pedra!

Mas ainda ha mais e melhor: Esse cavalheiro que ha tres annos é gerente do theatro official, contra a vontade de amigos e inimigos que, apesar de tudo o elegem sempre, esse cavalheiro, abandonado pelos auctores dramaticos na sua quasi totalidade, votado ao ostracismo pela massa geral do publico, tem conseguido — já é desfaçatez! — attrahir este, vencer aquelles e, por meio d'uma falsa e desafortada administração, conservar todo o prestigio artistico, litterario e mesmo industrial, que convém áquella casa de espectaculos.

E, brada aos ceos! — teve a pouca vergonha de, immolando-se ao papel de protagonista, fazer representar o Frei Luiz de Sousa, essa obra immortal de Garrett, de que todos nós ouvimos fallar desde pequenos, que talvez já tivéssemos lido, mas que por dever sacratissimo e honra da arte e litteratura patrias, nunca devêra exilar-se do repertorio das primeiras companhias portuguezas! E foi este o ultimo, o mais horripilante dos seus crimes.

Ora depois d'isto, caros leitores e dignissimos jurados, respondam-me se ha ou não ha razão para se dizer mal do sr. Posser... quero e mando, como lhe chamou um piadista celebre.

Luiz Galhardo.

## QUESTÕES SOCIAES

(1.º DE MAIO E DESCANÇO AO DOMINGO)

Não posso negar a minha sympathia ao mundo operario nesta consagração do primeiro dia do mez de maio.

A terra e o trabalho são fontes lidimas de riqueza e de prosperidades das nações: aquelle, cuja vida se passa no amanho dos campos e no cultivo das leiras occupa indubitavelmente o logar de primazia na escala do trabalho material.

Logo em seguida surgem outros grupos de obreiros não menos dignos de cotação social pela natureza dos labores a que se dedicam, e não menos credores de estima sincera no animo publico.

E quem produz pelo seu proprio esforço organico uma grandissima parte das coisas de que a humanidade carece por necessidade indispensavel do seu modo de ser pessoal, tem pleno direito de escolher um dia no anno para regosijo de folga e celebração de honra.

É assim que se me antolha esta festa do primeiro de maio.

Confesso que desejára ver nos cortejos que desfilam então, proçissionalmente algum objecto symbolico que tornasse bem evidente existir clara na mente do mundo trabalhador a noção de Deus.

A despeito d'essa falta, a qual nem sempre traduz um estado de atheismo ou proposito de irreverencia para com a Divindade, é compativel com o meu espirito de crente o objectivo da manifestação.

Embora possa definir-se nas suas origens por tal ou qual tendencia emancipadora, eu nunca verei ali uma especie de revolta contra o principio da auctoridade, mas sim um triumpho solemnisimo do trabalho.

E se por algum sentido ella quer exprimir sedentes impulsos de libertação geral, ainda n'este campo não é mentir á consciencia achar justiça a quem não ignora certos expedientes incorrectos de que usam, para vergonha da raça, muitos insaciaveis na idolatria do capital e no repasto do egoismo.

Para esses é bem que o primeiro de maio seja um pesadelo tão temeroso que os seus descendentes, gerados sob a influencia de semelhante impressão, cheguem no curso dos tempos a fazer alliança perpetua com as classes trabalhadoras, cessando com as desproporções enormes e irritantes e convertendo-as á cooparticipação equitativa nos resultados.

Hoje, não é já possivel illudir por muito tempo as esperanças lisongeiras de interpretação rasoavel e as aspirações legitimas.

Ha escravos ainda nas injurias abusivas, mas que não desconhecem que o são, apromptando-se facilmente para denunciar e repellar as affrontas.

Se o mundo trabalhador não tivesse no seu mesmo seio elementos damninhos que lhe inutilizam planos e alvitres autonomos, e possuísse boas cabeças organisadoras, em vez de cortejos elle teria fabricas, officinas, escolas, terras de sementeira, obtido tudo por união cooperativista, e em

logar de gastar as forças physicas em serviço alheio operaria por conta propria.

Quando este ideal deveras nobre constituir uma realidade palpavel, será permanente o espectáculo de harmonia sen-sata que haja redundado em beneficio da multidão assalariada, e que seja escarmento e lição perenne da cobiça e da sordidez desalmadas.

Isto, porem, só pôde conseguir-se mediante o auxilio poderoso da iniciativa individual e collectiva no seio das varias classes trabalhadoras, agremiando-se com resolução persistente por ordem de categoria.

Devem igualmente ter sempre em vista formar em si mesmas os necessarios mentores e as convenientes energias de disciplinamento, que assegurem sobre a terra a duração das coisas.

Desde que individuos estranhos ao seu meio venham arengar discursos e semear conselhos, e muito facil servir interesses que em nada lhes toquem e contribuam para glorias politicas de cabalas que só pretendem hostilisa-las.

Os amigos verdadeiros das classes trabalhadoras, pugnando pelo seu melhor futuro, só temem uma linguagem incitativa de ordem economica e de suggestão altruista.

Quando o Christo foi no mundo, como expressão sublime que era da dedicação mais pura e do mais universal amor, teve principalmente piedade dos humildes e dos desprotegidos da fortuna.

D'aqui vem com certeza esta bella passagem do sermão, pregado pelo bispo de Derby, em 14 de outubro de 1887, citada por Laveleye em um dos seus admiraveis livros: «Os sentimentos e as aspirações do socialismo são certamente christãos. Affligir-se da extrema desigualdade das condições; reconhecer o abysmo que separa Lazaro e Dives; declarar-se partidario da fraternidade e da equaldade essencial de todos os filhos d'um mesmo pae; sustentar, não o direito abstracto a um salario equitativo, a uma educação sufficiente, a uma boa morada, a um descanso necessario, mas a necessidade de fazer obter todos estes beneficios aos que querem gosar d'elles, se está aqui o espirito do socialismo, está tambem o espirito do christianismo.»

O christão rico sabe attrahir por sentimento os seus servos e os seus operarios, em cada um dos quaes vê um irmão que lhe cumpre catechizar por modelo honesto exemplificado em si mesmo.

A arrogancia systematica do descarinho e da prosapia jactanciosa nunca podem alliar-se na consciencia d'um catholico illustrado no acerto divinal dos principios, e convicto do fundamento inabalavel de sua fé.

O mundo trabalhador não sofre perigo nem deve assustar-se da palavra do Evangelho; está lá escripto: «e o que sega recebe galardão, e ajuncta fructo para a vida eterna: para que assim o que semeia como o que sega, juntamente se regozijem»... «o que fala de si mesmo, busca a propria gloria mas aquelle que busca a gloria de quem o enviou, esse é verdadeiro, e não ha n'elle injustiça»... «em verdade, em verdade vos digo que o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e roubador.»

Quem não comprehende semelhante dizer? em que escola é patente tanta verdade simplicissima e exposta lucidamente? que mais leal franqueza é possivel sobre a terra?

Nas paginas do Evangelho ha medicina luminosa e infallivel para todas as miserias.

Se a sua leitura proporciona aos poderosos momentos de conforto em horas de harto pezar, ella dá ensinamentos de dignidade e de invulneravel resistencia serena a todos aquelles que labutam com dura enxada e se sentem mais ou menos espoliados.

Importa que o clero, calcando vehementemente aos pés toda a casta de respeitos humanos, e seguindo á risca a marcha traçada pelo insigne Leão XIII em suas encyclicas surprehendentes, assumam perante o mundo o seu papel capital na missão augusta e apostolica de conciliador dos povos e de pacificador das sociedades.

O desabrigado presepio da Palestina viu cahir deante de si o fausto dos imperadores romanos: estenda o clero os braços ás multidões que passam na festa do primeiro de maio, insurja-se contra quem não acata o dever, insinue-se no conceito popular, e verá tambem cahir deante de si toda a hypocrisia immensa que sabe encobrir-se sob a mascara da ostentação apparatusa para occultar com segurança a podridão colossal e villissima em que exclusivamente navega.

«O christianismo, escreveu o illustre abbade Robert, foi dado á terra por ignorantes e pobres; logo, elle vem de Deus, auctor de toda a sciencia verdadeira e de todo o dom perfeito».



## THEATRO DE D. MARIA II



CARLOS POSSER

De photographia do sr. E. Biel

Recorde o clero que «nem só de pão vive o homem»; fraternize com as classes necessitadas e aproveite o 1.º de Maio para messe larguissima de doutrina e para victoria muito sua.

É de justiça conceder a quem trabalha um repouso que interrompa a fadiga e permita certa distracção do espirito.

Isto diz a observação quotidiana, e é corollario regular dos actos da vida nas proprias conclusões da sciencia.

Labuta incessante, debilita, atordoa e embrutece; folga judiciosa, longe de produzir atrophamento prematuro, repara forças, corresponde a necessidades de temperamento, educa orgãos, converte-se n'uma forma especial de hygiene physica e moral do individuo.

Até aqui, por um lado; encarem-se as coisas agora por outro aspecto.

O homem é um ser essencialmente dependente, e como tal, quando se interroga no fóro intimo de sua consciencia, sente-se naturalmente levado a ir procurar fóra de si um refugio á dôr e uma causa suprema.

E então, quer haja em semelhante homem a intellectualidade penetrante d'um Aristoteles, quer seja audaz como Colombo, genial como Buonarroti, persistente como Pasteur, selvagem como um indio da America, adorará um Deus, será um crente.

D'aqui nasce o culto, flôr mystica brotando espontanea nos reconditos da alma, sublimidade arrebatante de que são echo exterior todos os altares levantados em todos os seculos pela gratidão da creatura ao seu Creador.

E ainda, como consequencia logica d'este consenso unanime, derivou tambem para a historia o espectáculo suggestivo da consagração pelos povos de dias determinados a actos de religião.

Se eu não temesse enfiar os leitores, passaria em revista as sociedades orientaes e os tempos classicos anteriores a Christo, para segregar em meio de tantos e de tão diversos acontecimentos, o phenomeno deveras deslumbrante das ceremonias de culto em epochas fixas com maior ou menor rigor de symetria.

Mas, além da prolixidade, é egualmente certo que estou escrevendo onde não se ignora o caminhar das gerações, sabendo-se, ao contrario, apreciar no valor legitimo as suas singularidades typicas.

Ora pois, que assim é, resta-me encaminhar o meu ponto de mira na altura presente d'este capitulo a uma solução razoavel.

Duas divisões complexas caracterizam sufficientemente a serie dos tempos e aquilatam com superabundancia as phases multiplas da existencia do homem; são duas metades d'um mesmo corpo homogeneo em que o secundário mais nobre deveu a auxilio estranho o assumir toda a sua virilidade portentosa.

Primeira divisão ou seja primeira metade, acaba com a aurora do Christianismo: um domingo, substituido o sabbado da lei antiga abre nova era, isto é, marca e serve de norte á segunda divisão ou seja segunda metade.

O auxilio estranho partiu de Jesus Christo. So sophismando a verdade historica, é possivel negar a transformação social operada pelo doutrinador da Judéa.

Foi d'elle o domingo, e triumphal tem sido a marcha da civilização da Cruz.

Esta affirmação fará sem reluctancia quem quer que se dê ao estudo da Historia com animo feito de não deturpar coisa alguma.

A evidencia arrancava a Renan estas palavras famosas:

«Seja como fôr, Jesus não será excedido. O seu culto rejuvenescerá incessantemente;...»

Se aquelles mesmo que ousam abalancar-se á tentativa de destruir as provas indeleveis da Divindade, confessam isto, que admira que os que trabalham solícitem o descanso dominical e que os capitalistas e os ricos burguezes convenham acquiescendo ao desejo?

E, porém, bom e até preferivel a quaesquer diversões, não esquecer n'esse dia, uma vez geralmente destinado e cedido a repouso, que foi dos labios de Jesus que saiu este brado eloquente: «O espirito é o que vivifica: a carne para nada aproveita.»

Aproveitem todos em união plena o domingo para folga de trabalhos, mas não voltem as costas ao templo do Deus vivo.

«Ninguem se arruina, escreveu o illustre francez Augusto Callet, por ir á igreja; ha lá dentro pompas que a todos os respeitoes valem as do mundo. O pobre ali está em sua casa; explica-se-lhe a lei do soffrimento e do trabalho, mysterio consolador



VISCONDE DE MONSERRATE

FALLECIDO EM LONDRES EM 17 DE FEVEREIRO DE 1901



para a fé, desolador para a philosophia. É lá que elle esquece os seus odios e comprehende a egualdade e a liberdade; mas egualdade na ordem, liberdade na justiça. Instrue, educa-se, respira; sae da igreja mais satisfeito, mais forte contra as tentações e as contrariedades; melhor cidadão, melhor pae, artista laborioso do seu destino immortal; economico, não avaro; caritativo, não prodigo.

Tal é o espirito da lei que nos obriga a sancti-

## O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1888-1889

Em 22 de feveiro de 1889, em recita de assignatura ordinaria, em que se cantaram os 1.º, 2.º e 4.º actos da opera *Capuletti e Montecchi*, tocou o

moda n'este tempo, durante os dias de carnaval o publico fez um barulho infernal com gaitinhas, estalos, cornetinhas, assobios, etc., que nada deixavam ouvir da opera que se cantava. Na segunda e terça-feira gorda entre varios episodios comicos, um joven janota do tempo, Luiz Gama, saltou da plateia para a orchestra e para o palco; sobre a scena dançou durante o espectáculo com a segunda dama Lamberti, e na orchestra, tirou a batuta ao maestro Pontecchi, e tomando o lugar



GALERIA DO PALACIO DE MONSERRATE

ficar o domingo; se não fosse uma lei divina, seria a mais sabia das leis humanas».

Já hoje na nossa capital é quasi completo o encerramento das lojas aos domingos; faz-se mister todavia que a idéa se estenda sem excepção a todos os estabelecimentos, não susceptíveis por estarem fechados, de provocar motins ou de causarem damno á saude publica.

E mesmo no caso indicado não faltam meios praticos de conciliar tudo em perfeita harmonia.

A boa vontade é sempre uma alavanca irresistivel.

D. Francisco de Noronha.

celebre pianista Arthur Napoleão Santos as seguintes peças: Concerto em *dó menor* de Rubinstein, com acompanhamento de orchestra; *Ma pensée*, melodia, *Ileale*, valsa, *romanza*, e *polonaise*, de Arthur Napoleão, *mazurka* de Chopin, e *tremolo* de Gottschalk.

Em 1 de março, em recita de assignatura ordinaria, com a opera *Lakmé*, tocou Arthur Napoleão: *Concerto* de Rubinstein, com orchestra, *Nocturno* de Chopin, *Grande estudo symphonico*, de Schumann, *Melodia* de Rubinstein, *Rapsodia* de Liszt, *Gavotta imperial* de Arthur Napoleão.

Em 5 de março, terça-feira gorda, houve baile de mascaras no theatro de S. Carlos. Segundo a

d'este, dirigiu a orchestra que, prevenida de antemão, tocou um trecho da *Grã-Via*.

Em 18 de março de 1889, em beneficio da Associação 24 de Junho e do director do palco Guilherme Lima, houve o seguinte espectáculo: *Symphonia* da opera *Vespri Sicilian*, 2.º acto da opera *Lakmé*, *Skerzo* para a orchestra, de Freitas Gazul; aria da opera *Martha* por Valero; *Partida*, canção hespanhola de Alvarez, por Valero; fragmento do poema symphonico *As orientaes*, de Keil, pela orchestra; *Romanza Souvenir de Fafe* e *Rapsodia* de Liszt, por Arthur Napoleão; 4.º acto da opera *Capuletti e Montecchi*.

Em 1 de abril, em beneficio do hospital de



Nossa Senhora do Rego, deu-se a opera *Fausto*, cantando a parte de barytono D. Francisco de Sousa Coutinho, dotado de uma magnifica voz, que então iniciava a sua carreira lyrica. N'esta noite os preços foram elevados: geral a 1.200 réis, superior a 2.000 réis, e dobrado o custo de todos os camarotes.

Em 4 de abril, festa artistica de Eva Tetraxini, opera *Otello*; a orchestra tocou um *preludio* composição do maestro Campanini, marido da cantora Tetraxini.

Em 5 de abril, festa artistica de Regina Pacini; houve os 1.º e 2.º actos da opera *I pescatori di perle*, o rondó da opera *Lucia di Lammermoor*, e *divertissement*.

Em 6 de abril, festa artistica do tenor Brogi, deu-se a opera *Otello*.

Em 7 do mesmo mez, festa artistica do barytono Battistini, deu-se a mesma opera.

Em 8 do mesmo mez, em beneficio do director de scena Luigi Magnani, houve o seguinte espectáculo: aberturas das operas *Vesperi Siciliani* e *Mignon* pela orchestra; o 3.º acto da opera *Il Profeta*; rondó da *Lucia* por Pacini, *Romanza* pelo tenor Valero, e *divertissement*.

Não faltaram n'esta epocha celebridades musicas no palco do real theatro de S. Carlos.

Maria Van-Zandt era uma cantora, ainda nova, mas já celebre na chronica theatral; dotada de uma magnifica voz de soprano, extensa, sonora, agradável e flexivel, era eximia na agilidade sobretudo nas *floritures*, e ao mesmo tempo, era artista em scena, como mostrou nas operas *Mignon* e *Lakmé*; n'esta ultima, especialmente, era notabilissima; o seu canto era aqui perfeitoissimo, e o seu bello corpo, torneado, roliço, e de uma flexibilidade sinuosa de serpente, prestava-se admiravelmente ao desempenho plastico do papel da indiana da opera de Delibes.

Dizia-se que a notavel cantora era muito dada ao licor de Baccho, e que d'isso dera publica manifestação uma vez cantando na opera comica de Paris; se effectivamente tinha esse uso, em Lisboa, n'esta epocha, não lhe trouxe isso prejuizo ás suas representações lyricas.

Eva Tetraxini era uma notavel cantora, muito sympathica; a sua voz de um timbre agradável, prestava-se aos pianissimos, ás phrases plangentes e sentimentaes, e ao canto apaixonado; artista intelligente, e cantora dramatica, apesar de não ser muito forte nem volumosa a sua voz, e de ter a respiração alta, e ás vezes como que custosa, tirava comtudo do seu orgão vocal, com o muito que sabia, um partido immenso, de situações as mais oppostas da ternura, do gracioso e da paixão e energia. O grande merecimento de Tetraxini era comprovado no modo verdadeiramente superior como cantava e representava a *Ane Maria* do 4.º acto da opera *Otello*, o *duetto* do 2.º acto e o 4.º acto da *Gioconda*.

Eva Tetraxini era casada com o maestro Cleofonte Campanini, habil ensaiador e distincto director de orchestra.

Mattia Battistini, afamado barytono, tinha uma voz extensa, facil, de um timbre muito agradável, e que, sobretudo, no canto simples e natural era encantadora. Cantor agradável e correcto, quando emitia a voz, a espontaneidade do seu orgão vocal produzia em quem o ouvia uma sensação doce e serena, não precisando de esforços custosos para produzir o bello canto.

Augusto Brogi, que no theatro de S. Carlos se apresentou como tenor, tinha começado a sua carreira como barytono, ao contrario do que tem succedido a tantos outros; o timbre da voz, apesar do cantor com mais ou menos esforço, attingir as notas agudas de tenor, não era propriamente d'este registro; mas como cantor tinha bastante merecimento, e pelo seu saber conseguia o que outros, dotados de melhor orgão vocal, não podem muitas vezes obter.

Depois da retirada de Maria Van-Zandt, foi esta substituida por Pacini, nas operas *Lakmé* e *Barbieri di Siviglia*; n'esta ultima cantava Pacini as *Varições* de Proch e a canção hespanhola *Lo que está de Dios*, de Barbieri.

Em novembro e dezembro de 1888 houve no salão do theatro de D. Maria II concertos classicos de musica de camara, pelos artistas Rey Collaço (piano), Victor Hussla (violino), Alfredo Gazul (viola), e Cunha e Silva (violoncello).

Em março de 1889 cantou no theatro de S. João no Porto, na opera *Traviata*, o tenor portuguez Joaquim Tavares.

Em 14 e 15 de abril, no salão do theatro da Trindade, cantou-se (sem representar) a opera *Flavia* de Adolpho Sauvinet; foram os interpretes: Julietta Millié, Blanche Barbe, Alice del Bruno, tenor Villamar, barytono Verdini, barytono Godfroid, baixo Borucchia, baixo Soldá, e tenor Du-

rini; orchestra e còros do theatro de S. Carlos; banda da guarda municipal; maestro Augusto Machado. Esta composição apresentava alguns motivos bonitos posto que triviaes; a instrumentação era pobre e banal.

Em 1 de maio de 1889 houve na sala de espectaculos do theatro de S. Carlos, um banquete de 150 talheres dado pela Associação dos advogados aos membros do congresso juridico, presidindo Francisco Antonio da Veiga Beirão, advogado, e, então, ministro da justiça. Tocou no palco a banda da guarda municipal. A sala estava ornada com muitas flores e colxas, e muita gente nos camarotes.

Com a estação de 1888-1889, finalisou o quinto e ultimo anno da empresa Valdez. Em 29 de janeiro de 1889 o governo poz o theatro a concurso por cinco annos. O praso do concurso era só de 20 dias. O programma era estulto; entre muitas condições absurdas e extraordinarias citaremos: dar o subsidio de 25.000.000 réis annuaes e consentir augmento de preços em recitas extraordinarias e ordinarias; ao mesmo tempo que parecia exigir espectaculos grandiosos reduzia o corpo de baile a 16 bailarinas, numero que nem chegava para o bailado das horas da opera *Gioconda*. Só appareceu um concorrente, o anterior empresario Antonio de Campos Valdez; a este foi pois adjudicado o theatro.

Estava porem destinado que mais não administraria Campos Valdez o real theatro de S. Carlos; com effeito tendo saído de Lisboa em 3 de maio de 1889, com o fim de escripturar alguns artistas para a futura epocha theatral, falleceu repentinamente, de um ataque apoplejico, em 7 do mesmo mez, em Paris, no Grande Hotel. Não tinha Antonio de Campos Valdez completado ainda 52 annos, pois havia nascido em Alcacer do Sal em 5 de agosto de 1837. Foi muito lamentada a morte de Campos Valdez; este tinha muitos amigos, o que merecia bem, pelas qualidades apreciaveis que possuia.

N'este segundo periodo da sua gerencia theatral, especialmente nos ultimos annos, Campos Valdez, não correspondeu ao que se esperava d'aquelle que, na série de estações theatraes, de tantos annos, que findára em 1873, tão brilhantemente tinha mantido o theatro de S. Carlos a uma altura, digna da arte lyrica. Houve, sim, alguns espectaculos brilhantes, e a scena do primeiro theatro de Lisboa foi illustrada por muitas celebridades artisticas, e Campos Valdez auxiliou efficazmente alguns maestros portuguezes, pondo em scena as suas operas; mas a direcção e composição dos espectaculos deixou muito a desejar.

Começou logo mal pelo programma do concurso, que foi elaborado pelo proprio concorrente a empresario; e foi má a direcção do theatro; o conjuncto dos espectaculos lyricos foi sempre decabindo, em pontos essenciaes, com raras excepções, na execução musical das massas; se com umas recitas se dava operas bem executadas e bem ensaiadas, n'outras a execução descia abaixo do que se vê em muitos theatros de 2.ª ordem; até nem parecia que era a mesma orchestra e os mesmos còros; o scenario, as decorações, o vestuario, os adresses, os bailados, tudo caminhou a passos gigantescos para proxima ruina. O palco continuou cerceado, recuado do foco acustico. As obras que se fizeram nada melhoraram debaixo do ponto de vista artistico a scena de S. Carlos.

A attitude de Campos Valdez como empresario nos ultimos tempos é mesmo inexplicavel; podia ter feito serviços extraordinarios á arte lyrica; nunca o governo lhe negou recursos; ainda teve n'este periodo da sua gerencia ministros como Fontes e Navarro. Alem do subsidio teve, gratuitamente, a illuminação da luz electrica para todos os serviços, e effeitos na scena; alem d'isso por vezes recebeu extraordinarias subvenções do governo, com pretextos de festas reaes e outros. Quando falleceu, a administração do theatro estava intrincada e embaraçada como a da sua propria casa; era uma dupla e complicada herança que deixava á sua viuva e a seus numerosos filhos.

(Continua)

Francisco da Fonseca Benevides.

## A MULA DO PAPA

POR

Alphonse Daudet

Dos mais lindos ríões, proverbios ou adagios com que bordam suas falas os nossos camponeses da Provença, nenhum sei tão pitoresco e singular como este. Quinze leguas em volta do meu moinho, é falar-se d'um homem rancoroso, vingativo, e logo:—«Cuidado com elle!... Aquillo é como a mula do papa, que sete annos teve de reserva o coice».

Levei tempo a saber a origem do proverbio, o que era isso de mula do papa e coice sete annos de reserva. Ninguem tal m'o soube contar, nem sequer o Francet Mamai, o meu tocador de pifano que no entento sabe toda a lenda provençal na ponta da lingua. O Francet era da minha opinião, que devia por ali andar qualquer chronica antiga de Avinhão, mas só a conhecia pelo proverbio... «Só se o achar na bibliotheca das Cigarras», disse-me um dia o velho pifano a rir. Não desgostei da ideia e como a bibliotheca das Cigarras me fica mesmo ao pé da porta, fechei-me n'ella uns oito dias.

E' uma bibliotheca maravilhosa, admiravelmente organizada, ás ordens dos poetas noite dia, e servida por um bibliothecariosinho com cymbalos, que nos dão musicas sempre. Ah! levei dias deliciosos e, passada uma semana em buscas, estirado de costas, consegui descobrir o que queria, isto é, toda a historia da mula e do tal coice que sete annos andou de reserva. O conto é bonito sem deixar de ser ingenuo, e vou tentar dizel-o tal qual hontem de manhã o li n'um manuscripto còr do tempo, que cheirava bem a rosmaninho secco, e tinha como sinete grandes fios de teia de aranha.

Quem não viu Avinhão no tempo dos Papas, nada viu. Nunca houve cidade assim para o que fosse alegria, vida, animação, festa a seguir. De manhã até á noite eram procissões, peregrinações, ruas juncadas de flores, arenas atapetadas, chegadas de cardeaes pelo Rhodano, bandeiras desfraldadas, galeras embandeiradas, soldados do Papa pelas praças a cantarem latim, matracas de frades pedintes; depois de alto até abaixo das casas que se amontoavam em volta do grande palacio papal, como abelhas em volta da colmeia, era o tic-taque dos teares de rendas, o vai vem das lançadeiras tecendo o oiro das casulas, os martelinhos dos cinzeladores de galhetas, as mesas de harmonia que os violeiros afinavam, os canticos das tecelãs;— e ainda por cima o barulho dos sinos e sempre algum tamboril rufando para acolá, do lado da ponte. Porque, quando o povo anda contente por cá, ha de dançar por força, lá isso por força; e como, n'esse tempo, as ruas da cidade eram estreitas demais para a farandula, pifanos e tamboris iam para a ponte, e, ao vento fresco do Rhodano, noite e dia, era dançar e mais dançar... Isso é que eram tempos! E que feliz cidade! Albardas que não cortavam, prisões do estado em que se punha o vinho á frescal! Nem fome, nem guerra, nunca!... Ora aqui teem como os Papas do Condado sabiam governar seu povo; e aqui teem porque o povo tanta pena teve d'elles.

Um sobretudo um bom velhinho chamado Bonifacio... Quando morreu, ai, quantas lagrimas se choraram em Avinhão! Era um príncipe tão amavel, tão attencioso! Ria-se com tanto gosto lá do alto da sua mula e, quando algum passava ao lado d'elle—fosse um simples ceifeiro da ruiva dos tintureiros ou fosse o preboste-mór da terra—dava-lhe iogo com toda a amabilidade a benção. Um verdadeiro papa d'Yvetot, mas d'um Yvetot de Provença, com o que quer que fosse de fino no riso, um braminho de manjerona na solidão e nem a menor Jeanneton... Só uma Jeanneton se lhe conheceu ao bom padre, e foi a vinha—uma vinhasita por elle proprio plantada, a tres leguas de Avinhão, entre os montes de Châteauneuf.

Todos os domingos, depois de vespéras, o santo homem ia fazer-lhe sua córte, e, quando lá no alto, sentado ao sol, com a mula ali ao lado e os cardeaes em volta, estendidos ao pé das cepas, mandava abrir um frasco de vinho da terra—um vinho còr de rubis, desde então chamado Chateau Neuf dos Papas—e chuchurreava-o olhando para o copo com um olhinho enternecido. Esvaziado o frasco, ao cair da tarde, voltava alegremente para a cidade, seguido de todo o capitulo; e, quando passava pela ponte de Avinhão, entre os tambores e as farandulas, a mula que a musica punha de bom humor, mettia n'um travadinho saltitante, enquanto elle proprio batia o passo de dança com o solidão, o que muito escandalisava os cardeaes, mas fazia dizer ao povo:—«Que bom príncipe! Que excellente papa!»

Depois de vinho de Chateau Neuf o de que mais o Papa gostava no mundo, era da mula. O homem andava mesmo doido pelo animalzinho. Todas as noites, antes de ir para a cama, ia ver







## O REAL THEATRO DE S. CARLOS



EVA TETRAZZINI

egualmente o sr. Julio d'Andrade, a quem é dedicada, e o iniciador d'ella, o nosso presado amigo sr. Silva Leal, director do *Zoophilo*, antiga revista da Sociedade Protectora dos Animas em Portugal.

N'um dos seus numeros passados, referindo-se aquellas prestimosas sociedades, exarou o *OCCIDENTE* o seu protesto da muita consideração que lhe merecem os dotes de benemerencia que illustram tão distincto cavalheiro, e registando agora n'este logar o apparecimento do *Numero Unico* alludido associa-se gratamente á homenagem por elle prestada.

**Revistas estrangeiras**

Como de costume temos sido visitados pelas seguintes:

*Iride* — revista d'arte — Spezia, que se publica n'esta cidade sob a direcção do dr. G. Conrado, e que ha pouco encetou o seu quinto anno de publicação, tendo mudado de formato, que ora é mais elegante e manuseavel;

*Revista politica e litteraria* — Roma, que tambem entrou no seu quinto anno de publicação e continua sendo a importante revista que se annunciou;

*Revista critica de Historia y litteratura españolas, portugueza e hispano-americanas* — publicada sob a direcção de D. Raphael Altamira y D. Antonio Elias de Molins. Encetou o seu quarto anno.

*Revue franco-italienne et du monde latin*, redigida em Paris e Napoles.

*Le Monde Moderne*, revista franceza que tendo deixado de visitar-nos ha muito tempo, se lembrou do nosso periodico para a propaganda da sua edição *L'exposition du siècle*, especie de *livro d'ouro* do ultimo certamen internacional realisado em Paris;

*Sevilla Deportiva* — revista semanal illustrada, que começou a publicar-se no principio d'este anno. É periodico illustrado e gracioso, que merece acceitação.

**Relatorio e contas do asylo dos orphãos desvalidos da freguezia de Santa Catharina, — Lisboa — 1900.**

Este relatorio foi lido na sessão solemne do 42.º anniversario da inauguração do mesmo asylo no 1.º de janeiro de 1900. É documento tão interessante quanto o pode ser um trabalho da sua natureza, e apresenta lucidez, a condição essencial, para o lèrem, subscriptores e protectores de tão sympathico instituto ou simples curioso.

Apparece n'este relatorio um esboço da historia do asylo que foi destinado a albergar as creanças pobres da freguezia de Santa Catharina, cujos paes foram victimados pelas epidemias que assolaram Lisboa, o cholera em 1856, a febre amarella em 1857.

O asylo de Santa Catharina nasceu como muitos outros estabelecimentos d'este genero, de um pensamento meditado por muito tempo e levado depois a execução com a observancia fiel do glorioso plano que, lhe deu origem e que tão beneficos serviços tem prestado á orphanidade.

Joaquim Manuel Martins, homem possuido das melhores intenções caridosas e levado unicamente pelos impulsos do seu coração piedoso, foi elle quem,



GENERAL ANTONIO CAMPOS

FALLECIDO EM 13 DE FEVEREIRO DE 1901

com a força da sua poderosa vontade e coadjuvado por alguns dos seus amigos e collegas da commissão de soccorros da freguezia de Santa Catharina, que funcionava por occasião da epidemia da febre amarella em 1857, pôde levar a effeito tão util como caridosa instituição, cujo desenvolvimento consta dos relatorios annuaes, que, sempre tem sido publicados.

**Assistencia Nacional aos Tuberculosos—Relatorio do conselho central e parecer do conselho fiscal — Imprensa Nacional — 1900.**

Estes relatorios foram apresentados á assemblea geral da Assistencia realisada em 30 de dezembro ultimo, e por elles se conhece claramente os intuitos da benemerita instituição com que sua magestade a Rainha dotou o nosso paiz, pois que a regia iniciativa juntou-se grande numero de socios espontaneamente já inscriptos, permittindo a realisação de tão caritativa obra, decerto a mais formosa joia que se lhe engasta no seu diadema de soberana.

Os relatorios são concisos e lucidos, bastante documentados e precedidos dos estatutos da Assistencia. As contas da gerencia abrangem desde a fundação da sociedade até 30 de junho de 1900, pelo que se pode já avaliar um tanto dos encargos e das receitas com que conta a instituição. Todavia ainda esses meios não são demais e seria justo e louvavel que quantos dos estatutos da Assistencia tiverem conhecimento, e dos seus fins e intuitos, procurem auxiliar a realisação d'elles, alistando-se como socios.

**Diversas revistas portuguezas.**— Entre outras publicações d'este genero sahidas dos prelos nacionaes, e de cujo apparecimento demos noticia opportunamente, tem-nos continuado a honrar com a sua visita as seguintes revistas portuguezas:

*O Instituto* — *Revista scientifica e litteraria* — Coimbra — 1900. Completou mais um volume esta selecta revista, orgão da conceituada aggremação scientifica e litteraria comimbricense *O Instituto*, e que, fundada em 1852, conta já hoje quarenta e sete volumes, nos quaes se encontram publicados muitissimos trabalhos de alto valor.

*O Lavrador* — *Revista agricola mensal publicada pela associação dos regentes agricolas* — Anno I — Lisboa — 1900. Esta nova publicação tem por director o sr. C. de Lima Alves, distincto regente agricola e agronomo, e são seus redactores e collaboradores alguns dos nossos mais illustrados regentes agricolas, lavradores, agronomos, silvicultores, veterinarios, monitores pecuarios, etc., o que é sufficiente garantia da proficiencia com que os diversos e importantissimos assumptos agricolas do nosso paiz serão tratados pelo *O Lavrador*.

**ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE**

Para 1901

Está publicado este primoroso annuario profusamente illustrado e com uma linda capa a cores representando o Pavilhão Portuguez na Exposição de Paris.

Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis, pelo correio accresce 20 réis de porte.

Pedidos á

**EMPRESA DO «OCCIDENTE»**

Largo do Poço Novo — LISBOA

**DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS**

Obra unica no genero, indispensavel ao Commercio, á Industria, ás corporações diplomaticas e consulares, aos tabellães, escriptoires, e estudantes de todos os paizes, etc.

ABRANGE

Francez, Portuguez, Hespanhol, Italiano, Inglez e Allemão

Forma um só volume perfeitamente manuseavel e publica-se aos fasciculos de 16 paginas.

40 réis cada fasciculo pago á entrega

Para as provincias ás series de 5, 10 e 20 fasciculos, accrescendo o porte do correio.

Estão já publicados 73 fasciculos.

Assigna-se em todas as livrarias e na

**EMPRESA DO OCCIDENTE**

Largo do Poço Novo — LISBOA

Enviem-se prospectos e specimen a quem os pedir.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.